



### Capítulo 3 ■ A questão habitacional na obra de Eduardo Kneese de Mello



Os movimentos de re-  
cubimento das casas, por  
basta. Os jardins e  
sua têm uma pequena

Considerando que a produção da arquitetura moderna em São Paulo se inicia efetivamente, em termos de conjunto, a partir de meados da década de 40, é possível reconhecer um certo tipo de preocupação no discurso de alguns arquitetos paulistas. Se no plano da produção existe uma influência marcante da arquitetura carioca, ou do que já se consagrara como expressão de uma Arquitetura Moderna Brasileira, no plano do discurso a preocupação reside ainda na luta contra o academismo e, neste sentido, se volta para a defesa da Arquitetura Moderna como forma de superar os “estilos” do passado, e como forma de inserir a produção arquitetônica no presente. (BAYEUX, 1991, p.84).

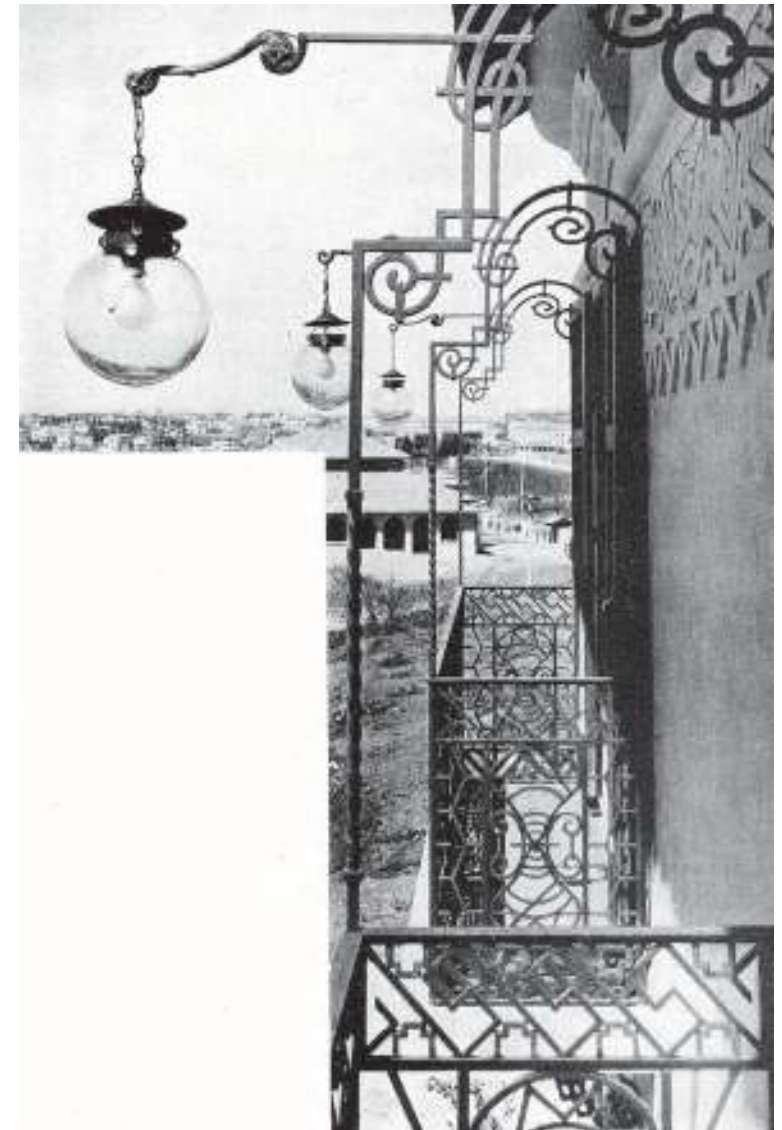


Figura 196: Detalhes da residência do Professor Theodoro Braga em motivos marajoara, desenhados pelo mesmo.  
Fonte: Acrópole, 1938, nº. 1, p. 19.

### 3.1 Produção teórica

Eduardo Kneese de Mello era considerado um engenheiro-arquiteto renomado perante a sociedade paulistana, com uma grande produção durante os anos de 1930 e 1940 de residências destinadas às famílias mais abastadas da cidade. Em maio de 1938, foi criada a revista *Acrópole*, na qual em seus primeiros anos de existência Kneese exerceu atividade de consultor técnico, publicando boa parte dos seus projetos desenvolvidos nesse período e escrevendo alguns artigos sobre arquitetura.

O primeiro artigo publicado pelo arquiteto na revista *Acrópole*, em seu primeiro número, intitulava-se ***Acrópole de Atenas***. O texto, de caráter didático, procurava apresentar as principais características da arquitetura grega. Descrevia, também, os principais edifícios de Atenas ressaltando a *“perfeição da arquitetura dessa época, tão admiráveis suas proporções, que nos vinte e quatro séculos que a ela se seguiram e ainda nos dias de*



Figura 197: Acrópole restaurada. Imagem ilustrativa do artigo intitulado *Acrópole de Atenas*.  
Fonte: *Acrópole*, 1938, nº. 1, p. 14.

*hoje, suas linhas têm sido copiadas, imitadas e apontadas como padrão de arte e beleza”* (KNEESE DE MELLO, 1938 a, p.18).

Nota-se que o engenheiro-arquiteto iniciou seu artigo classificando a arquitetura grega como a *“arte mais perfeita e mais pura”* (KNEESE DE MELLO, 1938 a, p.14), e o finalizou dizendo que era um modelo ao qual se deve copiar e imitar, pois a apontava *“como padrão de arte e beleza”* (KNEESE DE MELLO, 1938 a, p.18). Evidenciou-se, neste primeiro artigo, toda sua formação acadêmica, inspirada nos moldes da *École de Beaux Arts de Paris*, influência de seu mestre, na época, Christiano Stockler das Neves (1889-1982).

Ainda no primeiro número da revista Acrópole, o artigo seguinte ao de Kneese de Mello, intitulava-se *Por uma arte brasileira*, escrito pelo professor Theodoro Braga, estudioso da cultura brasileira. Enquanto o artigo de Kneese justificava e incentivava a cópia de estilos estrangeiros, neste texto, Braga defendia a busca de uma arte com feição nacional, criticando severamente a cópia dos modelos importados:

*Sinto-me no dever de acudir a qualquer apelo que se me é feito no sentido de se fazer tudo por um movimento de arte que se caracterize exclusivamente, num sentimento de brasilidade e que nele se notem a alma, o gesto o sentimento de nossa nacionalidade.* (BRAGA, 1938, p. 19).

Theodoro Braga ilustrou seu texto com fotografias de sua residência eclética com motivos marajoara, por ele desenhados. Com relação à arquitetura, em seu artigo, defendia que:

*A arquitetura, arte por excelência, escrínio de todas as outras artes, melhor que todas elas, poderá, em todos os seus mínimos detalhes, como nos seus grandes conjuntos, através da alma vibrátil dos seus apóstolos abnegados, buscar na nossa natureza a linha, o gesto, o movimento, que possam caracterizar a arte arquitetônica brasileira.*



Figura 198: Parthenon. Ilustração do artigo *Acrópole de Athenas* de Eduardo Kneese de Mello. Fonte: *Acrópole*, 1938, n.º. 1, p.16.



Figura 199: Detalhe do balcão da residência do Professor Theodoro Braga em motivos marajoara, desenhados pelo mesmo. Fonte: *Acrópole*, 1938, n.º. 1, p.20.

*Tudo em torno a nós sugere um movimento de são patriotismo: a linha coleante de réptil, o esvoaçar alegre de uma ave, a tranqüilidade hierática de uma orquídea, tudo nos impõe as características de um estilo e nos dirão alguma coisa da alma brasileira.*  
(BRAGA, 1938, p. 20).

Ironicamente, o autor do projeto e construtor da residência de Theodoro Braga, alguns anos antes da publicação desses artigos, foi Eduardo Kneese de Mello, engenheiro-arquiteto incluso no rol dos *culpados* por não buscar um *sentimento de brasilidade* em sua arquitetura, segundo o que nos colocou Braga em seu artigo. Este fato comprova, também, a habilidade de Kneese em atender seus clientes em estilos diversos, atendendo suas preferências.

Kneese continuou a publicar artigos na revista Acrópole<sup>1</sup>, mas em seus próximos textos os objetos de suas análises começaram a mudar. Não discorria mais sobre os padrões de arte e beleza da arquitetura clássica, passou a notar e estudar os monumentos históricos brasileiros, que, naquele momento, encontravam-se abandonados.

Em seu próximo artigo, intitulado **Santuário de Congonhas do Campo**, Kneese demonstrou interesse pela arquitetura colonial. Com base em dados históricos e documentos da época, estudou o Santuário do Senhor Bom Jesus dos Matosinhos, “*riquíssimo de história e de arte*” (KNEESE DE MELLO, 1938 b, p.42). Dotado de sentimento nacionalista, elogiou a paisagem do Morro do Maranhão, onde se localiza o santuário. Continuou seu artigo descrevendo a construção e ocupação da cidade. Dizia que a pobreza das residências, classificadas, por ele, como “*construção simples, pouco*

<sup>1</sup> Pode-se consultar a relação de textos escritos pelo arquiteto Eduardo Kneese de Mello no anexo 3 deste trabalho.



Figura 200: Detalhe da fachada do Santuário de Congonhas do Campo, vendo-se no primeiro plano o profeta Oséas. Fotografia de Eduardo Kneese de Mello. Fonte: Acrópole, 1938, nº. 2, p.33.



Figura 201: Porta principal do Santuário de Congonhas do Campo. Fotografia de Eduardo Kneese de Mello. Fonte: Acrópole, 1938, nº. 2, p.34.

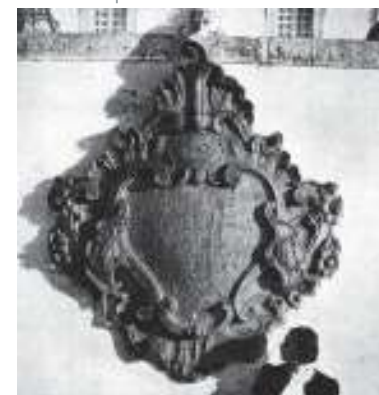


Figura 202: Escudo de pedra sabão executado por Antonio Francisco Lisboa. Fotografia de Eduardo Kneese de Mello. Fonte: Acrópole, 1938, nº. 2, p.34.

apresentam interesse – telhado a duas águas, degraus e soleiras de pedra, beiral forrado de madeira e cachorros recortados.”, contrastavam com o destacado santuário, pois “sua arquitetura, fruto de uma era de decadência artística, apresenta inúmeros defeitos, que, entretanto, não diminuem seu grande valor, pois representa a arquitetura brasileira de sua época” (KNEESE DE MELLO, 1938 b, p. 42). Ao finalizar o artigo apontou que era “(...) preciso, pois retirar esse nosso tesouro do abandono oficial em que se acha” (KNEESE DE MELLO, 1938 b, p.42).

Continuando seus estudos sobre a arquitetura colonial brasileira, publicou um terceiro artigo: **Cabo Frio**. Neste, apresentou a cidade com base nos levantamentos do recém criado Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN, 1937), onde trabalhavam Rodrigo Melo Franco de Andrade e Lucio Costa; e, apresentou, também, um estudo aprofundado sobre o Convento de Nossa Senhora dos Anjos composto por diversas fotografias e desenhos detalhados realizados por ele próprio. Aproximando-se, cada vez mais, do discurso pela busca de uma arquitetura nacional na experiência colonial, findou seu artigo dizendo: “O aspecto do Convento N. S. dos Anjos é de grande simplicidade e pobreza de detalhes, porém é um conjunto de grande efeito. É um monumento nacional que deve ser conservado e restaurado” (KNEESE DE MELLO, 1938 c, p. 24). Congratulou, ainda, a decisão do governo em criar o SPHAN que, na época, “entregue a homens cultos e dedicados, vem produzindo um grande trabalho para o país, conservando, estudando e restaurando seus monumentos históricos” (KNEESE DE MELLO, 1938 c, p.24).

Envolvido, ainda, com a questão da divulgação da arquitetura colonial publicou **A Arquitetura Colonial e José Wasth Rodrigues**. Kneese utilizou-se do pretexto de apresentar Wasth Rodrigues e seus desenhos que seriam publicados na Revista Acrópole



Figura 203: Desenhos de Eduardo Kneese de Mello apresentados como estudo sobre a Arquitetura Brasileira no artigo intitulado *Cabo Frio*. Fonte: *Acrópole*, 1938, nº. 6, p.41.



Figura 204: Vista geral do Convento Nossa Senhora dos Anjos, vendo-se em primeiro plano, a cruz de pedra, e ao fundo sobre o morro da Guia, a Capelinha do mesmo nome. Fotografia de Eduardo Kneese de Mello. Fonte: *Acrópole*, 1938, nº. 4, p. 18.

com o intuito de divulgar a arquitetura colonial brasileira, para demonstrar seu engajamento na busca de um estilo nacional, pois não via mais sentido na cópia dos estilos estrangeiros.

*Os arquitetos brasileiros, com raras exceções, são acusados constantemente de pouco ou nada fazerem em favor da arquitetura nacional.*

*Abandonam belíssimos elementos arquitetônicos de nossas igrejas coloniais, de nossos solares antigos, dos palácios e das casas grandes de nossos antepassados, para irem buscar inspiração em arquiteturas tipicamente estrangeiras.*

*Estou incluído no rol dos acusados. Estou incluído, também, no rol dos acusadores.*

*Muito pouco se tem feito em favor da arquitetura nacional.*

*Meu nacionalismo não me leva ao exagero de pretender que exista um estilo brasileiro.*

*Poderemos dar, entretanto, ao estilo que adaptarmos, uma feição nacional, em lugar de importarmos os característicos locais, deste ou daquele país e aplicá-los aqui, muitas vezes desambientados.*

*A causa do mal é visível. As revistas e os livros estrangeiros, numerosos e variados e o cinema, facilitam-nos o estudo de todos os detalhes da arquitetura de seus países, enquanto que, para estudar o que é nosso, seria preciso percorrer o Brasil de Norte a Sul e colher "in loco" os elementos que interessem. (KNEESE DE MELLO, 1938 d, p. 39).*

Incluindo-se no rol de acusados e acusadores, Kneese declarou-se preocupado em dar ao estilo uma feição nacional. Para tanto, sabia que seria necessário conhecer profundamente a arquitetura colonial e estudá-la, como já vinha fazendo. Apesar de seu



Figura 205: Desenho de José Wasth Rodrigues da Catedral de Mariana, MG, apresentado em artigo de Kneese de Mello sob o título de *A arquitetura colonial e José Wasth Rodrigues*. Fonte: *Acrópole*, 1938, nº. 6, p. 41.



Figura 206: Desenho de José Wasth Rodrigues das Igrejas de São Francisco e do Carmo em Mariana, MG, apresentado em artigo de Eduardo Kneese de Mello sob o título de *A arquitetura colonial e José Wasth Rodrigues*. Fonte: *Acrópole*, 1938, nº.6, p.41.

raciocínio ainda estar focado na questão do estilo, este pode ser considerado seu primeiro passo em direção à modernidade.

Em 1940, escreveu *Impressões do V Congresso Pan-americano de Arquitetos*, um relato das finalidades do congresso e de seus participantes. Foi neste ano em que Kneese começou a sua *conversão* ao Movimento Moderno. O contato com arquitetos de outros países e com a vanguarda carioca foi definitivo para a reorientação da arquitetura por ele praticada. Notou que estava *mentindo arquitetonicamente* e resolveu buscar novos valores e uma nova atitude profissional.

A partir deste momento, *transformou-se* em grande entusiasta da Arquitetura Moderna. Empenhou-se em sua divulgação entre profissionais da área e diante toda a sociedade. Neste período há uma inversão, pois deixou de ser o engenheiro-arquiteto renomado perante a burguesia paulistana, construtor de diversas residências, que escrevia poucos artigos, para *transformar-se* no arquiteto militante das causas modernas e coletivas. Assim, passou a publicar um grande número de artigos e proferir palestras para divulgar a Arquitetura Moderna, apregoando seus princípios e suas idéias quanto à nova forma de conceber a arquitetura.

Durante a criação e fundação do departamento paulista do Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB-SP, 1943), Kneese de Mello afastou-se das publicações. Seu primeiro artigo publicado sobre a Arquitetura Moderna, *Porque Arquitetura Contemporânea*, data de 1946. Neste texto, Kneese utilizou-se da discussão sobre qual deveria ser o estilo arquitetônico da nova Cidade Universitária de São Paulo para questionar sobre qual seria a *verdadeira arquitetura*. Partiu da premissa corbusieriana de que a “*arquitetura é um espelho dos tempos*” e procurou demonstrar, através de inúmeros exemplos, o absurdo contido na proposta da escolha de um estilo para qualquer edificação, especialmente para a futura



Figura 207: Sessão inaugural do V Congresso Pan-americano de Arquitetos. Ao centro o Presidente do Uruguai, ladeado pelos ministros de Estado, prefeito de Montevidéu, reitor da Universidade, arquiteto Americo R. Campos e Nestor Figueiredo, presidente da delegação brasileira. Fonte: Acrópole, 1940, nº. 25, p. 33.



Figura 208: Comparação entre o modo de se vestir de uma *dama antiga* e uma *mulher moderna*. Esta é um das comparações estabelecidas por Kneese de Mello em seu artigo *Porque Arquitetura Contemporânea*, para demonstrar as transformações ocorridas na sociedade, sendo estas às razões pelas quais a arquitetura moderna deveria ser adotada. Fonte: Acrópole, 1946, nº. 102, p. 161.



Cidade Universitária. Essa escolha só estaria perpetuando a *mentira*, e a *falsidade* na arquitetura.

*Há mais de cem anos que a arquitetura estava afastada de sua época. Os arquitetos do século XIX em geral puseram de lado seu espírito criador e dedicaram-se à cópia da arquitetura de tempos anteriores, limitando sua capacidade produtiva à repetição de fórmulas e receitas, que outros haviam adotado. O mundo evoluiu fantasticamente nestes últimos tempos, graças aos progressos obtidos pela ciência. A arquitetura estacionou. Os cientistas olhavam para o futuro. Os arquitetos inspiravam-se no passado. E o resultado é essa confusão a que chegamos: Século XX – arranha-céu colonial – residência gótica – fábrica românica – estrutura de concreto armado com fachada bizantina. Verdadeiro carnaval arquitetônico. A mentira dominou a arquitetura.* (KNEESE DE MELLO, 1946, p. 159).

Para Kneese a *mentira* arquitetônica, a imitação dos estilos passados, precisaria ser combatida em qualquer época, em favor da criação, a partir da técnica e dos materiais contemporâneos, “(...) porque arquitetura é arte criadora. Se imitamos não criamos. Se não criamos, não estamos fazendo arquitetura” (KNEESE DE MELLO, 1946, p. 159). Sendo assim, só poderia existir uma boa arquitetura, a arquitetura contemporânea: “a que traduz o espírito do seu tempo, a que emprega honestamente a técnica, os materiais de que dispõe, a que é uma verdadeira expressão da vida econômica, política e social do povo que a constrói – que é criação e não imitação” (KNEESE DE MELLO, 1946, p. 160).

Ainda nesse texto resgatou os elementos vitruvianos – *utilidade, resistência e beleza* – como sendo indispensáveis à arquitetura. Sua intenção era demonstrar que, embora esses elementos sejam permanentes, seus conceitos alteram-se em função da época

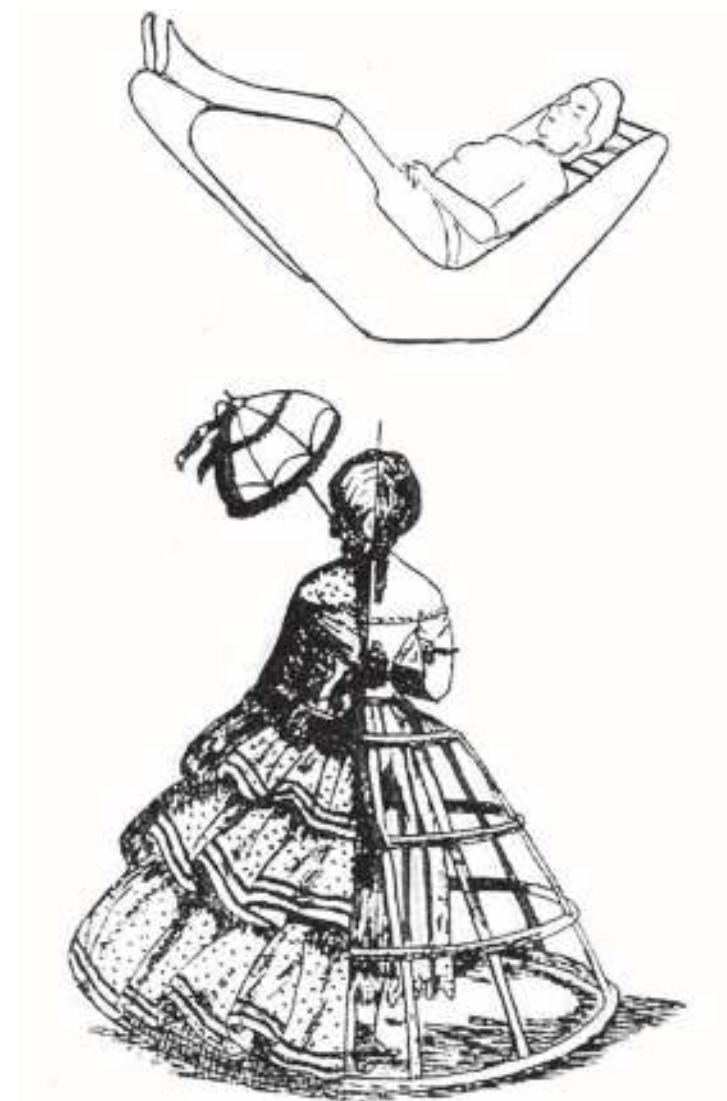


Figura 209: *Poderá esta dama antiga, dentro dessa gaiola, sentar-se naquela cadeira moderna?* Imagem e legenda extraídas do texto *Porque Arquitetura Contemporânea*, escrito por Eduardo Kneese de Mello. Fonte: Acrópole, 1946, nº. 102, p. 162.

em que se vive, das transformações ocorridas na sociedade e do progresso da ciência e conhecimento.

*O que é certo e indiscutível, é que, com a evolução da ciência e da sociedade, surgem, para os homens a cada momento, novas utilidades, e novos conhecimentos de resistência, sugerindo-lhes, assim, a criação de novas formas arquitetônicas. E se essas formas são honestas e sinceras e criadas por alguém que é realmente arquiteto nada impede que tenham beleza. Por outro lado, imitando formas criadas em outras épocas, determinadas, por técnica diferente, utilidades diferentes, materiais diferentes dos de hoje, haverá falsidade. E havendo falsidade não poderá haver beleza. Não há dúvida, portanto, se pretendermos construir hoje e desejamos que essa construção seja bela, só há um caminho a seguir: adotar a arquitetura contemporânea. (KNEESE DE MELLO, 1946, p. 167).*

Portanto, para o arquiteto Kneese de Mello o único caminho a ser seguido era o da arquitetura contemporânea, ou seja, da arquitetura moderna, tendo em vista que, para ele, “(...) *arquitetura contemporânea não tem fórmulas nem proporções pré-determinadas. Arquitetura contemporânea é livre. Seus limites são os limites da verdade*” (KNEESE DE MELLO, 1946, p. 168).

Em 1947 publicou a tradução da **Carta de Atenas** do *IV Congresso Internacional de Arquitetura Moderna* (CIAM, 1933). Para Kneese de Mello e muitos outros arquitetos modernos da mesma época, o planejamento das cidades deveria referir-se à Carta de Atenas, documento que propagou a idéia de um novo urbanismo, baseado na divisão entre os espaços de habitação, trabalho, transporte e recreação. Na sua defesa e adoção da Arquitetura Moderna, procurou sempre divulgar e utilizar em suas obras e projetos

esses conceitos. “*Não se pode falar ou pensar em urbanismo, sem que se tenha em mente a Carta de Atenas*” (KNEESE DE MELLO, 1952, p. 274).

Em sua próxima palestra, posteriormente transcrita e publicada em Acrópole, **Arquitetura Urbanismo e Democracia** (1948), Kneese expôs a arquitetura como sendo arte e ciência essencialmente humanas, que o homem criou para servir a si próprio. Remontou às origens da arquitetura, a questão da habitação do homem primitivo e ao espírito democrático que a arquitetura deveria ter.

*Sua origem é a casa do homem primitivo. – A caverna, a choupana, o dolmen.*

*Seu objetivo essencial é a casa do homem, no tempo e no espaço.*

*Casa de habitação, de trabalho, de recreio, de culto, de estudo, de saúde, de esporte, etc. – Casa do branco, do negro ou do amarelo, do rei ou do plebeu, do operário ou do patrão.*

*Seu espírito é, portanto, profundamente democrático.* (KNEESE DE MELLO, 1948, p.91).

Reafirmou, como o fez e fará em todos os seus textos, suas colocações, principalmente, contra a falsidade na arquitetura, ou seja, a cópia dos estilos estrangeiros, o que seria, a seu ver, “(...) *uma dessas fases negras da arquitetura*” (KNEESE DE MELLO, 1948, p. 91). Para ele, a arquitetura moderna refletia a era democrática na qual vivera: “*Tem que atender, indis-cutivelmente, ao seu objetivo inicial; abrigo para o homem. Todos os homens, e não, certos homens*” (KNEESE DE MELLO, 1948, p. 92).

Pela primeira vez apareceu em seus escritos um tema importante que, a partir deste momento, foi frequentemente abordado por Kneese: a *habitação*, principalmente a *coletiva*.

Inicialmente, abordou o tema da *habitação popular* através de duras críticas às alterações propostas pelo novo Código de Obras: “Os erros que apontamos no velho Código de Obras, repetem-se, um a um, no novo anteprojeto. (...) A área de um dormitório é variável de acordo com a classe social de seu ocupante!”<sup>2</sup> (KNEESE DE MELLO, 1948, p. 94). Indignado, explicou:

*A idéia de abrigo ainda é a mes-ma, mas o abrigo do homem mo-derno não é mais a caverna ou a choupana ou o dolmen.*

*O conceito de habitação evoluiu com as necessidades e possibilidades criadas pela civilização.*

*Habitação não pode mais ser considerada, hoje, como, simplesmente, a casa de morar. Habitação é um conjunto de que a moradia é o centro, mas de que fazem parte também a escola, o “playground”, os serviços de abastecimento, os serviços públicos gerais, a creche, a maternidade, a assistência hospitalar, os centros de cultura, os campos de esporte, as áreas verdes e jardins e cuja ligação com o local de trabalho precisa ser estudada com grande carinho.* (KNEESE DE MELLO, 1948, p. 94).

Concluiu seu texto expondo os principais conceitos da Carta de Atenas, destacando as quatro funções da cidade: habitação, recreação, trabalho e transporte e apontando a falta de planos urbanísticos nas cidades brasileiras.

---

<sup>2</sup> O Código de Obras estabelecia no artigo 133, página 69, o seguinte: “um dormitório, na habitação popular, precisa ter oito metros quadrados; um quarto de empregada pode ter apenas seis metros, mas não pode ter mais do que doze. Na habitação chamada “residencial” (a granfi-na), o dormitório precisa de dez metros quadrados; para o quarto da empregada bastam oito, mas é proibido ter mais do que um quarto de empregada para cada quatro apartamentos ou salas de prédio principal. Nos hotéis, a área mínima de um quarto simples é de doze metros e nos apartamentos em que só haja um apartamento, dezesseis metros quadrados” (KNEESE DE MELLO, 1948, p. 94).

Em 1949, proferiu **Considerações sobre Arquitetura Moderna**, em Campinas, interior de São Paulo. Voltou a afirmar suas colocações, principalmente em relação ao descompasso que estava ocorrendo entre as possibilidades da técnica moderna e a produção daqueles arquitetos ainda apegados “(...) a um saudosismo destruidor copian-do as obras de seus colegas do pas-sado, repetindo as formas, as pro-porções a que chegaram grandes mestres, em outros tempos, em ou-tras condições técnicas e sociais.” (KNEESE DE MELLO, 1949 a, p. 48). Sua crítica alcançou diretamente o ecletismo, para ele “(...) a maior confusão arquitetônica de todos os tempos” (KNEESE DE MELLO, 1949 a, p. 48), ou seja, a demonstração da mentira arquitetônica. Retomou, novamente, a questão da verdade na arquitetura, para afirmar que “(...) existe apenas uma única arquitetura verdadeira. Aquela que é imagem fiel de seu tempo. É a arquitetura moderna de cada época, que acompanha a evolução técnica e local, que não admite a mentira e a tapeação” (KNEESE DE MELLO, 1949 a, p. 49).

Ainda em 1949, Kneese de Mello, continuando sua militância a favor da Arquitetura Moderna, proferiu, a pedido do Rotary Clube de Santos, a palestra **Rotary e Arquitetura**, em São Vicente, litoral paulista. Aproximou os arquitetos dos rotarianos ao mostrar as semelhanças entre eles: “(...) a missão do arquiteto, do verdadeiro arquiteto, também é como a do rotariano, servir ao seu semelhante, dando de si, antes de pensar em si. Recusando os trabalhos que não se enquadrem inteiramente na ética profissional e que não obedecem à verdadeira arquitetura” (KNEESE DE MELLO, 1949 b, p. 157). Citou Le Corbusier ao dizer que “(...) a arquitetura é um espelho dos tempos”. Concluiu o seu texto exaltando a arquitetura moderna, aquela em que o “(...) homem serve de elemento para determinar os valores arquitetônicos” (KNEESE DE MELLO, 1949 b, p. 157) e o urbanismo moderno.



Figura 210: Exposição de Arquitetura Contemporânea em Campinas, 1949, realizada pelo IAB. Esta exposição teve como complemento a palestra proferida pelo arquiteto Eduardo Kneese de Mello, sob o título de *Considerações sobre Arquitetura Moderna*. Fonte: Acrópole, 1949 a, nº. 134, p. 48.



Figura 211: Exposição de Arquitetura Contemporânea em São Vicente, 1949, realizada pelo IAB. Durante a exposição o arquiteto Eduardo Kneese de Mello, a convite do Rotary Clube de Santos, proferiu a palestra *Rotary e Arquitetura*. Fonte: Acrópole, 1949 b, nº. 138, p. 156.

Após a criação das escolas de arquitetura em São Paulo, Mackenzie em 1947 e FAU USP e 1948, Kneese de Mello passou a divulgar também o papel do arquiteto na sociedade e suas funções. Foi ao rádio, em dezembro de 1949, para esclarecer que na sociedade paulistana, há poucos anos passados, “(...) o arquiteto era tido e havido como ‘mestre de obra’, empreiteiro ou ‘licenciado’” (KNEESE DE MELLO, 1975 b, p. 39). Fez, ainda, uma palestra intitulada **O Arquiteto no Brasil** (Campinas, 1950), tratando exatamente da divulgação do arquiteto, onde utilizou as palavras de William Lescaze para definir as características essenciais a este profissional:

*O arquiteto precisa ser um sonhador prático. Se ele é somente um sonhador ou somente um prático, isso não é suficiente. Um homem prático pensará somente na parte física. O sonhador pensará somente na parte estética de uma construção. Arquitetura é uma síntese, uma fusão das duas.* (KNEESE DE MELLO, 1950, p. 292).

Na década de 1950, Eduardo Kneese de Mello proferiu diversas palestras e conferências no Brasil, dando continuidade à sua luta pelo reconhecimento da profissão do arquiteto perante a sociedade e pela divulgação dos princípios do Movimento Moderno diante dos profissionais ligados à Arquitetura. No exterior<sup>3</sup>, divulgou a Arquitetura Moderna que estava sendo feita no Brasil.

Nas palestras realizadas no Brasil, continuou a falar do erro cometido pelo homem ao abandonar o conforto oferecido pelas técnicas modernas por um saudosismo ou falso tradicionalismo contido na cópia dos estilos do passado, o ecletismo. Esse tema é recorrente em textos como: **Centro de debates culturais e Arquitetura Funcional**, ambos de 1950. Neste último, demonstrou ainda, através de exemplos, que toda boa

<sup>3</sup> Kneese de Mello visitou diversos países divulgando a Arquitetura Moderna Brasileira. As datas das palestras e conferências realizadas nos mais diversos lugares podem ser observadas no anexo 1 deste trabalho.

arquitetura, ou seja, aquela que retratava fielmente o seu tempo, era funcional, não importando seu estilo:

*A função de hoje é diferente da de ontem, mas se ela existe na arquitetura moderna, se é indispensável aos edifícios que ora levantamos, existiu também na arquitetura boa do passado e foi parte integrante das nossas casas-grandes. Arquitetura não é forma ou função. É forma e função. Dois elementos indispensáveis que ela jamais dispensou.* (KNEESE DE MELLO, 1975 b, p. 48-49).

Kneese passou a apregoar, também, o urbanismo e, com ele, a necessidade do planejamento urbano para as cidades brasileiras em função de seus crescimentos vertiginosos. No dia 08 de dezembro 1950, comemorou-se, pela primeira vez o dia mundial do Urbanismo. Nesta data Kneese proferiu, no IAB-SP a palestra, **O dia do Urbanismo**, a convite de seu presidente Oswaldo Bratke. O intuito era fazer um apelo ao governo municipal para que fosse, finalmente, traçado o plano diretor da capital paulista, desde que “(...) esse plano seja traçado dentro dos verdadeiros princípios do urbanismo moderno, que não sejam esquecidas as recomendações da Carta de Atenas” (KNEESE DE MELLO, 1951, p. 49).

Preocupado com o crescimento “em proporções alarmantes” (KNEESE DE MELLO, 1952, p. 273) das cidades brasileiras e a falta de planejamento do território, o arquiteto publicou **Urbanismo Preventivo Urbanismo Curativo**. Acreditava ser “(...) a nova sede do governo um motivo especialíssimo para que se pensasse no estudo imediato de um planejamento nacional, convergindo para a nova capital, centro do país” (KNEESE DE MELLO, 1952, p. 274). Foi a primeira vez que expressou sua opinião sobre a construção de Brasília, tema de diversos outros textos seus<sup>4</sup>. A divulgação das recomendações da Carta de Atenas foi o

tema escolhido pelo arquiteto para finalizar o texto, ressaltando, ali, que todo o planejamento deve ser baseado no elemento casa.

Os temas escolhidos por Kneese de Mello para serem discutidos em seus textos na década de 1960 eram *habitação* e *pré-fabricação*<sup>5</sup>. O primeiro artigo a ser publicado foi **Habitação na URSS**, um relatório apresentado pelo arquiteto sobre a viagem realizada à Moscou em 1962 a fim de participar de uma reunião da Comissão de Pesquisas da União Internacional de Arquitetos. A reunião tinha como objetivo discutir “(...) a *pré-fabricação para construção de conjuntos residenciais, que, por fim, foi recomendada como melhor solução para o problema de habitações, que é grave em quase todos os países do mundo*” (KNEESE DE MELLO, 1963, p. 29). Neste artigo, descreveu, também, as técnicas de pré-fabricação que conheceu em Moscou:

*As fábricas que visitamos, produzem painéis pesados, correspondentes à parede de um cômodo, isto é, uma sala, um quarto, etc. Esses painéis são transportados da fábrica para a obra, inteiramente acabados, revestidos, ja-nelas e vidros colocados. São estruturais. Um único tipo para cinco andares. O sistema construtivo é muito interessante e permite, realmente, construir com grande rapidez. Fala-se em sete dias para montar um prédio de 45 apartamentos.*

<sup>4</sup> O arquiteto escreveu um livro sobre a construção da nova capital: **Brasília: Histórias e Estórias**. São Paulo: De mais Editoração e Publicação, 1992.

<sup>5</sup> Eduardo Kneese de Mello, no início da década de 1950, montou uma empresa de pré-fabricados no Brasil, a Uniseco do Brasil S.A., empresa dedicada à habitação pré-fabricada. O sistema Uniseco combinava estrutura de madeira e painéis de fibrocimento como vedação. Essa experiência representou para o arquiteto a concretização de uma perspectiva para a modernização da arquitetura brasileira e solução para a questão habitacional, mas por outro lado, foi o seu fracasso financeiro impondo dificuldades que perduraram até o fim da vida.



Figura 212: Kneev: Hospedagem de turismo *Tarasova* (1961). Imagem e legenda extraídas do texto *Habitação na URSS* do arquiteto Eduardo Kneese de Mello. Fonte: *Arquitetura*, 1963, nº. 9, p. 30.



Figura 213: Moscou: Conjunto Residencial *Nevie Tcherenuski* (1956-1958). Imagem e legenda extraídas do texto *Habitação na URSS* do arquiteto Eduardo Kneese de Mello. Fonte: *Arquitetura*, 1963, nº. 9, p. 30.



*Entretanto, a construção e a arquitetura deixam a desejar. Os conjuntos são de uma impressionante monotonia.*

*Alegam os arquitetos russos que seu governo garante a cada cidadão, nove m<sup>2</sup> de área habitável (área livre de sala ou quarto).*

*Por isso, abandonam as preocupações de qualidade e procuram, apenas, alcançar quantidade. Parece-me que, um pouco mais de capricho não prejudicaria a rapidez da construção. (KNEESE DE MELLO, 1963, p. 29-30).*

A impressão negativa que o arquiteto teve de Moscou foi alterada após sua visita à Leningrado (atual São Petesburgo), onde a qualidade da arquitetura lhe pareceu melhor, porém, ainda inferior, se comparados com os conjuntos visitados por ele em Estocolmo, Helsinque e Paris. Para Kneese, os melhores conjuntos de habitação, dentre os visitados, foram os parisienses, todos construídos na periferia da cidade: “*Vi um edifício de 20 andares, todo pré-fabricado, de qualidade impecável. Enorme área de construção e de terreno é destinado às escolas e aos centros comerciais*” (KNEESE DE MELLO, 1963, p. 31). Apesar das restrições feitas ao trabalho dos arquitetos russos, findou seu relatório dizendo que seus trabalhos eram admiráveis e também que havia apreciado o esforço governamental dos países visitados no sentido de resolver o problema da habitação.

O segundo artigo, ***Evolução da habitação no Brasil***, foi, na verdade, uma palestra proferida no Instituto Histórico e Geográfico Guarujá – Bertioga, em novembro de 1964. Neste escrito Kneese expôs o agravamento da situação habitacional enfrentado pelo Brasil já há alguns anos e apontou o que, a seu ver, seria “*um erro de interpretação*”:

*Constroem-se casas de todos os estilos. Financiam-se construções a prazo longo. E o problema continua, cada dia mais grave.*

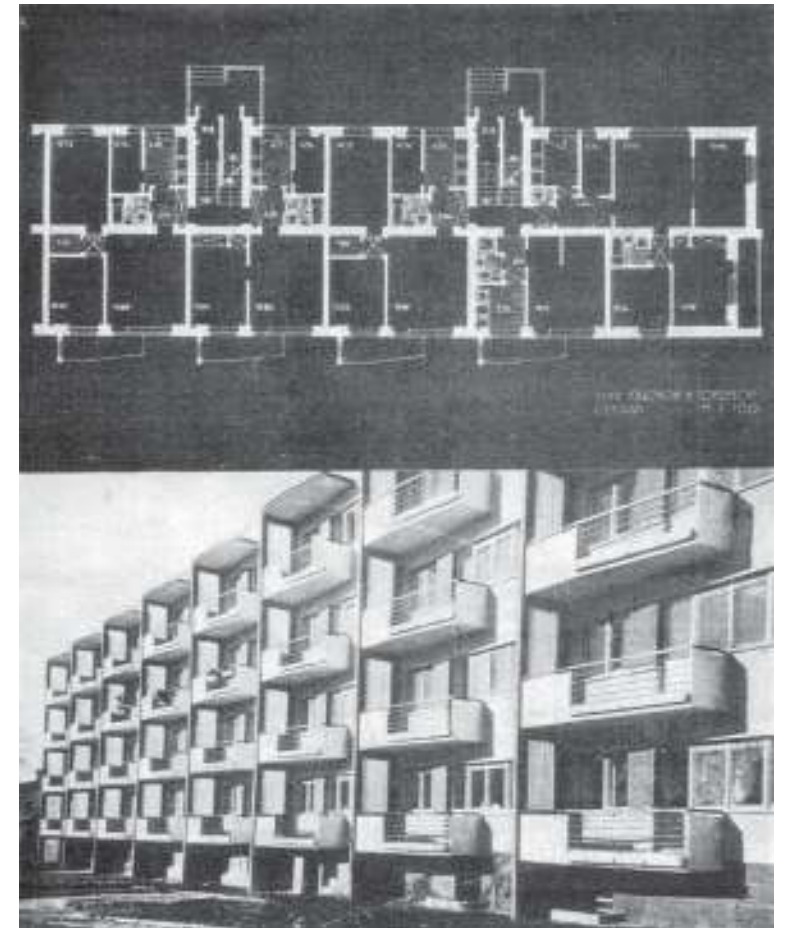


Figura 214: Vilnius: Edifício de apartamentos na Rua Smeliu (1961). Imagem e legenda extraídas do texto *Habitação na URSS* do arquiteto Eduardo Kneese de Mello. Fonte: *Arquitetura*, 1963, nº. 9, p. 31.

*Parece-nos que há um erro de interpretação.*

*Nem sempre casa é habitação.*

*Habitação é um complexo de que a casa é um dos elementos.*

*O conceito de habitação evolui no tempo. Sofre influências do meio físico-topografia, clima. Transforma-se sob a atuação de fatores econômicos, políticos, sociais, técnicos, etc. (KNEESE DE MELLO, 1975 b, p. 121).*

Ainda neste artigo, apresentou um estudo aprofundado sobre a evolução da habitação no Brasil, explicando-a através da história do país e seus ciclos econômicos desde o descobrimento. Para o arquiteto, a palavra habitação era interpretada, unicamente, à maneira indígena durante os primeiros trinta anos após a chegada dos primeiros portugueses em território brasileiro. Essa condição foi alterada com a chegada de Martim Afonso e os primeiros colonizadores, quando teve início o ciclo do açúcar, gerando uma nova interpretação do conceito de habitação – o engenho, uma “(...) unidade auto-suficiente. Casa grande, igreja, moita e senzala. (...). Casa de senhor e casa de escravo, ambas simples de influência popular. Luxo só existia na igreja. Assim era a habitação no norte do Brasil no ciclo do açúcar” (KNEESE DE MELLO, 1975 b, p. 122). Em seu próximo ciclo econômico, do ouro, o conceito de habitação tornou-se menos individualista.

*Quando encontra ouro o paulista fixa-se lá longe. Torna-se mineiro. Paga dizimos à coroa. Doura as igrejas, enfeita-as, enriquece-as, mas continua na sua maneira de morar. As cidades brotam junto às minas e ao contrário do que se via no ciclo do açúcar, passam a dominar o engenho. É a descendência da casa grande e o predomínio do sobrado urbano ou semi-urbano, em volta do qual surge o mocambo, onde mora o negro inválido liberto, velho ou doente e o mulato vagabundo, biscateiro. Desaparece*

*aquela unidade de habitação tão caracterizada no engenho. É a rua que liga a casa à igreja, à botica ou ao armazém, ao colégio, ao hospital. O sentido de habitação torna-se menos individualista. Nem por isso melhor ou mais completo que o rural. Ao contrário. As cidades do tempo dos vice-reis eram imundas e descuidadas. As ruas eram apenas caminhos que ligavam entre si as casas maiores. (KNEESE DE MELLO, 1975 b, p. 123).*

No mais importante ciclo econômico de nossa história, o do café, as fazendas apresentavam um tipo de habitação de certo modo semelhante ao do engenho de açúcar, com casa grande, senzala, terreiro, máquinas, etc. Segundo Kneese, as próximas grandes alterações no conceito de habitação e, principalmente, às cidades brasileiras foram feitas após a chegada de D. João VI e sua corte ao Brasil, em 1808.

*Seu primeiro ato foi determinar a abertura dos portos brasileiros. Iniciou-se nesse instante o fim da era colonial. (...). Durante três séculos, portanto, toda a formação brasileira, toda a nossa cultura teve raízes na metrópole. Apenas ligeiras influências do negro africano, do índio, dos diversos invasores, perturbaram a pureza, a exclusividade dessa origem lusitana.*

*O Rio de Janeiro é capital do Reino, tem que europeizar-se. D. João VI manda vir a Missão Francesa, com renomados nomes das artes, pintores, escultores, arquitetos. Funda-se a Escola Nacional de Belas Artes. A atuação de Granjean de Montigny é enorme, apesar das poucas obras que executa.*

*Em Recife, outro francês, o jovem Luiz Vautier moderniza a cidade, (...). O neo-clássico domina a arquitetura brasileira, falso, desambientado, estrangeiro. E atrás dele o ecletismo, a invasão dos estilos, o carnaval arquitetônico.*

*Casas grandes e sobrados de espírito colonial, bem brasileiros vestem-se com máscaras e fantasias de chalés suíços, de casas normandas, de palácios dos Luizes de França. Depois o cinema faz o resto. Traz o mexicano, o californiano, o colonial americano, e a nossa imaginação fértil vai copiar até casas egípcias. Mas a habitação fica para trás.* (KNEESE DE MELLO, 1975 b, p. 125).

As últimas grandes transformações no conceito de habitação, no Brasil, segundo Kneese, aconteceram com a libertação dos escravos, em 1888, pois “(...) os escravos eram a máquina de trabalho, o ‘faz tudo’ da casa grande ou do sobrado. (...). A liberdade cria um novo tipo de escravidão. Surge o problema da habitação popular, surge o cortiço infecto, a favela, aumenta o mocambo” (KNEESE DE MELLO, 1975 b, p. 126); e, o surto industrial, no começo do século XX, com “(...) a emigração desenfreada” (KNEESE DE MELLO, 1975 b, p. 126), gerando uma “total transformação no conceito da habitação” (KNEESE DE MELLO, 1975 b, p. 126).

Depois de explicar a evolução do conceito da habitação, Kneese de Mello terminou seu artigo citando o que seria a habitação moderna. Para isso, utilizou-se de exemplos como o Conjunto Residencial de Pedregulho, do arquiteto Affonso Eduardo Reidy (1946); as superquadras de Brasília, projetadas por Lúcio Costa (Plano Piloto, 1957); o Conjunto Residencial IAPC Cidade Jardim, dos arquitetos Eduardo Kneese de Mello e Hélio Duarte (1944); Conjunto Residencial IAPI Japurá, projeto arquitetônico de Eduardo Kneese de Mello e projeto paisagístico de Roberto Burle Marx (1945); e, o Conjunto Residencial para estudantes da Universidade de São Paulo, projetado por Eduardo Kneese de Mello, Joel Ramalho Jr. e Sidney de Oliveira (1961).

No ano de 1975, Kneese de Mello publicou dois livros: **A herança mourisca da arquite-**

**tura no Brasil e Arquitetura Brasileira: Palestras e Conferências.** O primeiro é resultado da bolsa de estudos obtida na Fundação Calouste Goubekian, por intermédio de seu amigo Henrique Mindlin, em 1968. Com o auxílio desta bolsa de estudos, o arquiteto passou três meses em Portugal, percorrendo todo o país, com a finalidade de pesquisar as origens da arquitetura tradicional portuguesa visando o reconhecimento das matrizes da arquitetura brasileira. Já o segundo, é uma pequena compilação dos textos que escreveu. Representa sua luta pela verdadeira arquitetura, seu empenho na divulgação dos princípios do Movimento Moderno e o reconhecimento do arquiteto como profissional.

A partir da década 1980, os textos escritos por Eduardo Kneese de Mello tornaram-se escassos<sup>6</sup>. Nesta pesquisa foi encontrado **Mutirão e Habitação**, texto muito similar à palestra *Evolução da habitação no Brasil*, apresentada por ele em 1964. A única diferença deste texto é o fato do arquiteto abordar o tema do *mutirão*, até então nunca mencionado por ele. Expressando sua preocupação com a crise habitacional brasileira, que em aproximadamente vinte anos, o tempo que separa esses dois artigos, não sofreu alteração alguma, Kneese resolveu estudar a solução encontrada pelo arquiteto Dirceu Carneiro, prefeito de Lajes - SC na época: o mutirão. Ele citou ainda, o programa de Assistência Técnica Gratuita à Moradia Econômica (ATME) elaborado pelo Sindicato de Arquitetura do Rio Grande do Sul que:

*Infelizmente, esse programa, estudado cuidadosamente pelos arquitetos gaúchos, com a exclusiva finalidade de colaborar na solução de um dos mais graves problemas que este país enfrenta, a deficiência de habitações de caráter social, foi abandonado e todo*

---

<sup>6</sup> No final da década de 1980, Kneese publicou seu livro de poesias: *Joãosinho o oficibói*. São Paulo: Editora Faculdade de Belas Artes de São Paulo, 1988 a.

*o trabalho realizado limitou-se na publicação de um pequeno livro. (KNEESE DE MELLO, 1988 b, p. 53).*

Finalizou seu artigo esperando que novas soluções fossem propostas e levadas adiante, em defesa da coletividade.

Em meados dos anos de 1980, apesar da escassez de artigos, Kneese de Mello concedeu diversas entrevistas e depoimentos, onde o arquiteto expõe seus pensamentos com relação à *habitação coletiva*. O texto transcrito abaixo se refere a este tema, o qual o arquiteto também denomina *habitação popular*:

*Eu acho que, para o Arquiteto moderno, há um desafio muito grande, que é a casa popular; (que) talvez não deva ser encarada como está sendo encarada. Eu não sei se há necessidade de vender casa pra gente mais pobre. Há um nível de brasileiros que vive em condições que não permite comprar. Então me parece que o Governo deveria alugar, alugar em condições muito especiais, sem intuito de lucro, casas humanas, casas em que a pessoa possa viver decentemente, e não construir colossos e colossos aí, que não atendem à necessidade do povo.*

*(...) uma necessidade absoluta para se resolver o problema nesse sentido, é que não haja intenção de lucro, senão é um negócio. Isto é um atendimento social, uma obrigação do Governo. Não se pode pensar em tirar lucro de uma casa popular! Casa popular é feita para servir e não como negócio. Infelizmente, quando a coisa fica pronta, brilha, e o pessoal pensa: “isso é ouro, vamos vender, vamos fazer negócio com isso!” – aí é que está o erro todo! (depoimento de Eduardo Kneese de Mello. In: SANTOS, 1985, s/p).*

Através da experiência adquirida com os projetos habitacionais que desenvolveu ao longo de sua trajetória profissional ligada ao Movimento Moderno e, principalmente, aos princípios

e recomendações da Carta de Atenas, pode-se dizer que Kneese de Mello formulou uma *noção* de *habitação*, baseada nas necessidades do ser humano, entendendo o homem como escala principal do projeto. Procurou divulgá-la:

*Eu acho que **habitação não é só casa**. Habitação é um conjunto e, quando nós fazemos milhares de casas, não estamos resolvendo o problema da habitação. Não adianta nada fazer mil casas num lugar qualquer se esses mil, quinhentos mil, moradores, em média, não estiverem servidos por comércio, por lazer, por escolas, por abastecimento, por trabalho, por cultura; então, este conjunto não é habitação, é um grupo de casas, mas não é habitação.*

*O complexo da habitação deixou de ser só a casa. A casa é um dos seus elementos, o elemento central da habitação, mas ela tem que ser servida por escolas de diversos graus, ela tem que ter o playground para a criança pequena, tem que ter assistência médica, assistência social, assistência de todo tipo. Tem o contato com o trabalho, com o divertimento, com a cultura. Então a Arquitetura deixou de ser a casa, passou a ser um complexo. E a Arquitetura de hoje tem que ser feita com essa idéia. (depoimento de Eduardo Kneese de Mello. In: SANTOS, 1985, s/p).*

Eduardo Kneese de Mello, através de sua vasta experiência profissional, acreditava que somente através da pré-fabricação seria solucionado o problema habitacional que se agravava, cada vez mais, com o decorrer dos anos no Brasil. Empenhou-se em apregoar esta nova técnica construtiva, entre profissionais ligados não somente à área da arquitetura, como também entre os empresários responsáveis pela construção e industrialização de componentes da construção civil.

*Cabe ao arquiteto brasileiro a responsabilidade de pesquisar novos materiais, novas técnicas, e planejar unidades de habitação completas, que incluam a escola, o hospital, o mercado, etc. e que, além de oferecer conforto e beleza, possam ser construídas rapidamente.*

*Constatai, na Comissão de Pesquisas da União Internacional dos Arquitetos, que nossos colegas europeus, preferem os sistemas de elementos pré-fabricados pesados, para sua construção de objetivo social. Elementos totalmente feitos na fábrica e simplesmente montados, na obra. Paredes estruturais. É a fantástica economia de tempo de construção.*

*O sistema de pré-fabricados leves, entretanto, usado na Escandinávia, no México, nos Estados Unidos e noutros países é, sem dúvida, mais adaptável ao nosso meio. As estruturas são independentes. Concreto armado, ferro, madeira, alumínio, etc. Paredes não estruturais, apenas de vedação.*

*Com este sistema, pode-se obter melhor acabamento, maior facilidade nos transportes e na montagem, maior flexibilidade nas plantas e, sem dúvida alguma, melhor efeito plástico.*

*Em conclusão, parece-me que se deve procurar reduzir ao mínimo, ou à simples montagem, o trabalho na obra, e aumentar ao máximo a participação da indústria, onde os materiais poderão ser produzidos mais rapidamente, com melhor qualidade e melhor preço. (KNEESE DE MELLO, s/d a, s/p).*

Em busca da flexibilidade nas plantas, do melhor acabamento, economia de tempo, melhor qualidade, e menor preço, o arquiteto Eduardo Kneese de Mello preocupou-se com o processo, sistema, e subsistemas construtivos, o que mostra sua amplitude



profissional e sua real preocupação com o usuário da *habitação*. Essa busca é almejada por todos, ainda nos dias de hoje, mas efetivamente conseguida por poucos.

### 3.2 Atuação em projetos de habitação coletiva

Ao longo de sua primeira fase profissional, de 1932 a 1943, a fase *eclética*, Eduardo Kneese de Mello atuou apenas uma vez em projetos para *habitação coletiva*. O projeto, de 1942, é composto por 24 residências térreas destinadas à habitação de interesse social, a serem comercializadas pelo Banco Hipotecário Lar Brasileiro. Neste conjunto habitacional a questão da economia foi tratada através da diminuição dos espaços internos da residência e na diminuição dos ornamentos presentes nas fachadas.

*Configura-se, portanto, um conceito de moradia econômica que se limita à mera diminuição de metragem das casas burguesas, mantendo com a maior fidelidade possível suas características arquitetônicas / estilísticas, sem incorporar nenhuma formulação inovadora quanto à própria concepção de habitação. Nada de “machines à habiter”.* (PINHEIRO, 1997, p. 221).



Figura 215: Núcleo de 24 residências térreas, Banco Hipotecário Lar Brasileiro. Rua Pedroso de Moraes esquina com rua Galeano de Almeida, São Paulo, 1942.  
Fonte: acervo RALMF.

A falta de consciência social identificada no projeto para o Banco Hipotecário Lar Brasileiro, executado por Kneese de Mello, estava presente também em toda a sociedade, especialmente entre os engenheiros-arquitetos que tinham seus conhecimentos forjados pelo mercado das classes mais abastadas, que se utilizavam desses saberes para materializarem seus caprichos, contribuindo, assim, para a construção de uma cidade com arquitetura, em grande parte, cenográfica.

*Portanto, pode-se dizer, à guisa de conclusão, que, em termos de realizações concretas, o tema da habitação popular parece ter sido quase completamente ignorado por parte dos arquitetos atuantes em São Paulo no período em estudo (1938-45). Entretanto, deve-se ter em mente também o baixíssimo grau de consciência social da população em geral, inclusive da parcela mais diretamente interessada na questão, isto é, a categoria emergente dos trabalhadores urbanos. (PINHEIRO, 1997, p. 226).*

Após a conversão de Kneese ao Movimento Moderno, depois de sua participação no V Congresso Pan-americano de Arquitetos em Montevidéu (1940) e de seu contato com os arquitetos modernos cariocas, essa condição foi alterada, tanto em seu discurso como na prática profissional. Kneese passou a defender o papel social do arquiteto, onde a arquitetura deveria refletir seu tempo, não importando quem fosse o cliente. Nesta nova fase, priorizou o cliente coletivo em detrimento do particular.

Seu primeiro projeto com linhas modernas, o edifício **MARA**, projetado, construído e publicado em 1942, demonstra uma preocupação maior com a estética do Movimento Moderno. Preocupou-se em utilizar elementos fundamentais do Movimento (pilotis, janelas horizontais, terraço-jardim, entre outros) além de seus princípios. Foi, também, nesse projeto que se aproximou da idéia de habitação mínima trabalhando, pela primeira vez, com o programa de quitinetes<sup>7</sup>.



Figura 216: Croqui edifício MARA, 1942.  
Fonte: THOMAZ, 1992/ 1993, p.82.



Figura 217: Edifício MARA. Rua Brigadeiro Tobias, 247, São Paulo, 1942.  
Fonte: L'architecture d'aujourd'hui – Brésil, 1952, nº. 42-43, s/p.



Figura 218: Edifício MARA, 1942. Detalhe fachada principal composta, em toda sua extensão, por jardineiras.  
Fonte: THOMAZ, 1992/ 1993, p.82.

Ainda no início da década de 1940, Kneese de Mello é convidado a projetar um **Conjunto Residencial** para o Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Comerciantes (**IAPC**), na Avenida **Cidade Jardim**, seu segundo projeto ligado à habitação coletiva.

Em 1944, quando realizou o primeiro estudo para este conjunto, elaborou um grande número de soluções, mas acabou optando pelas residências geminadas em blocos de seis – o máximo permitido pela Prefeitura Municipal. Essas residências destinavam-se a casais com filhos ou famílias com três ou mais pessoas. Para os casais sem filhos e solteiros, ele optou por projetar um edifício de dez pavimentos. O conjunto apresentava, além das residências, um centro educacional composto por escola primária, jardim de infância e creche; um centro recreativo; centro comercial; ambulatório médico; e, maternidade. Neste projeto, convidou o arquiteto Hélio Duarte para projetarem juntos os edifícios para a escola e maternidade.

Este é o primeiro projeto em que o arquiteto explora as idéias presentes na Carta de Atenas (CIAM, 1933), o que ele chamava de *documento do urbanismo moderno*, podendo explorar assim a diferença conceitual entre habitação e moradia. Como visto anteriormente, para o arquiteto, habitar pressupõe uma condição maior, de direito à cidadania. Significa ter acesso aos bens fundamentais que garantem a formação de uma consciência urbana, da vida do homem em sociedade. Portanto, no desenho da moradia e seus prolongamentos – o que resulta em *habitação* segundo o pensamento de Kneese – o arquiteto expressa o seu desejo e sua forma de participação no processo de transformação da cidade.

<sup>7</sup> A tipologia das quitinetes – habitação mínima – foi um tema amplamente discutido no universo dos arquitetos modernos do período em questão.

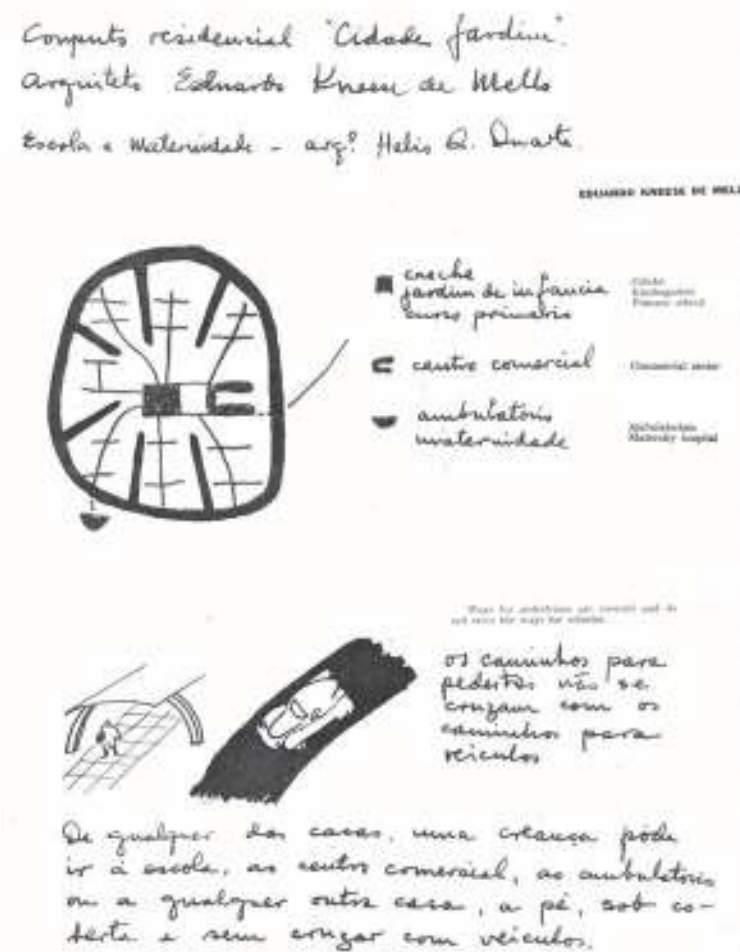


Figura 219: Croqui explicativo do Conjunto Residencial IAPC. Avenida Cidade Jardim x Marginal Pinheiros, São Paulo, 1944. Arquiteto Eduardo Kneese de Mello. Colaboradores arquitetos Hélio Duarte (escola e maternidade) e Roberto Burle Marx (paisagismo). Fonte: Arquitetura Contemporânea no Brasil, 1947, nº. 1, s/ p.

Durante o período em que estava desenvolvendo estes projetos, Kneese estava bastante envolvido com as atividades do recém criado departamento paulista do IAB (1943), onde conviveu intensamente com os principais arquitetos da história da Arquitetura Moderna Brasileira. Por serem poucos profissionais, o convívio com os arquitetos paulistas e cariocas era constante, tornando-se mais intenso, para Kneese, por ele ser um dos fundadores e presidente do Instituto em São Paulo.

Kneese de Mello esteve envolvido na organização do I Congresso Brasileiro de Arquitetos, primeiro grande evento promovido pelo IAB nacional, juntamente com o IAB-SP. O congresso, que se realizou em São Paulo em janeiro de 1945, teve como tema *A função social do arquiteto*. Sua finalidade foi estudar a função social dos arquitetos nas cidades e no campo onde existiam problemas cujas soluções interessavam ao bem estar da coletividade. Os temas de construção de *casas populares* e organização das coletividades humanas foram destacados. Os princípios do Movimento Moderno e as referências ao IV Congresso Internacional de Arquitetura Moderna (CIAM) de 1933, realizado em Atenas, com citações das propostas teóricas de Le Corbusier e sua Carta de Atenas foram constantemente apresentados como soluções a serem empregadas.

*Dessa preocupação acerca do macroplanejamento, passam para a questão do urbanismo no sentido da solução dos problemas das cidades existentes, cercando também a questão da habitação popular. Em relação a essa última questão, a proposta dos arquitetos era de que todos os esforços fossem conjugados pelo Estado através de um plano nacional que centralizasse as medidas e critérios referentes ao estudo e orientação do problema, e descentralizasse as medidas de execução. Previam ainda uma integração com a indústria no seu estágio de desenvolvimento, de forma a assegurar uma correlação das suas possibilidades com os objetivos do plano, e um maior entendimento entre*

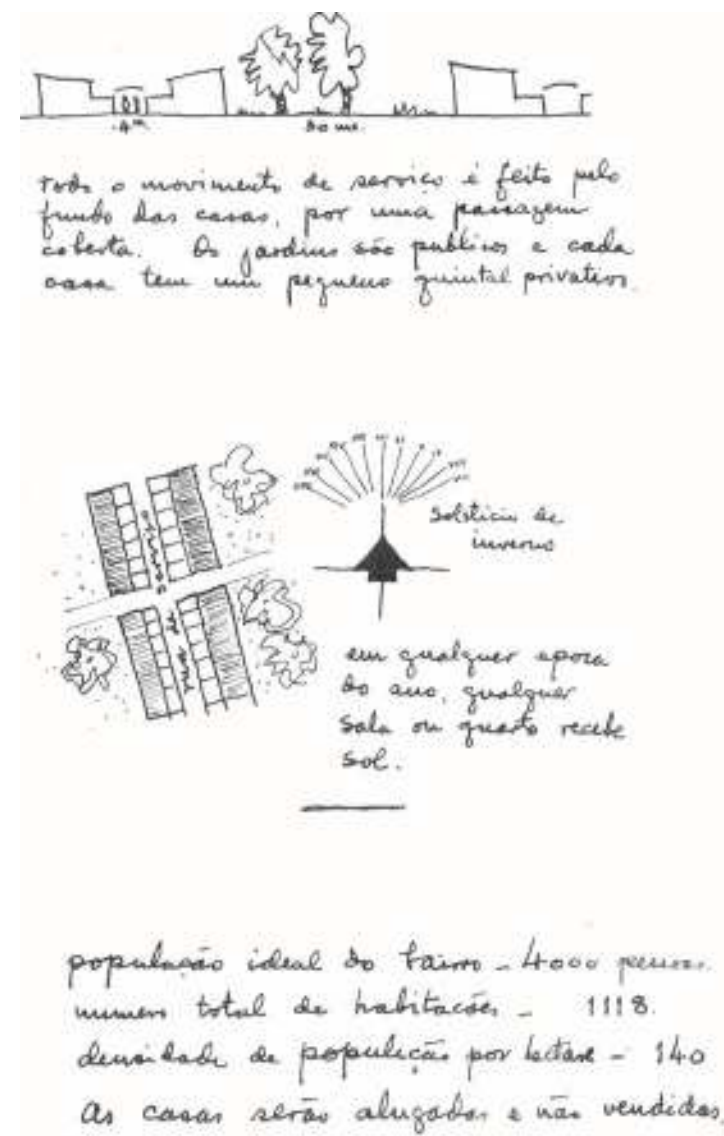


Figura 220: Croqui explicativo do Conjunto Residencial IAPC Cidade Jardim, 1944..  
Fonte: Arquitetura Contemporânea no Brasil, 1947, nº. 1, s/ p.

arquitetos e empresários no sentido de integrar a evolução da arquitetura e o progresso da indústria da construção civil. (BAYEUX, 1991, p. 48 apud ANAIS do I Congresso Brasileiro de Arquitetos, 1945, s/p).

Como consultor técnico da revista Acrópole, Kneese escreveu artigos relatando as discussões presentes no I Congresso Brasileiro de Arquitetos (1945), onde destacou o tema da construção de casas populares e principalmente o modelo teórico ideal de cidade proposto na Carta de Atenas.

Após o congresso, seu próximo projeto habitacional foi desenvolvido para outro Instituto de Aposentadorias e Pensões, desta vez, dos Industriários (IAPI), em 1947. Neste edifício, construído na Rua **Japurá**, em terreno antes ocupado por um conjunto de cortiços denominado Vila Barros, estão presentes diversos ensinamentos corbusierianos, em especial o conceito de unidade de habitação (*unité d'habitation*). Contudo, o que realmente se destaca neste conjunto é a tentativa de aliar qualidade à economia em um edifício vertical, oferecendo, segundo sua definição, *habitação* ao invés de uma simples *moradia* aos seus usuários. Teve como parceiro nesse edifício Roberto Burle Marx, autor do projeto paisagístico.

*Esse estudo eu fiz com muito carinho, com muita intenção social. Eu fiz um prédio que deveria ser muito econômico, para poder ser alugado ou vendido a pessoas de baixa renda, que trabalhassem nas indústrias nas imediações de São Paulo. Eu tinha, por exemplo, (o prédio era duplex, o apartamento duplex). Então estudei um tipo de apartamento de dois andares, em que as salas tinham 2,5 m de pé-direito e os quartos em cima 3 m, era o mínimo que a Prefeitura exigia. Se eu pusesse os dois no mesmo andar, eu gastaria mais 50 cm em cada sala; então, eu ganhei assim, em cada 2 andares, 50 cm de altura em toda a área de cada andar, de cada 2 andares.*



Figura 221: Vista parcial do Conjunto Residencial IAPC Cidade Jardim, 1944. Fonte: acervo FAU USP.

Figura 222: Fachada principal Conjunto Residencial IAPI Rua Japurá, 55 e 109, São Paulo, 1945. Arquiteto: Eduardo Kneese de Mello. Colaborador: Burle Marx. Fonte: acervo FAU USP.

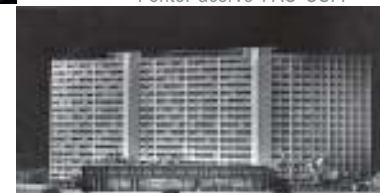


Figura 223: Conjunto Residencial IAPI Japurá, 1945. Fachada posterior. Fonte: acervo FAU USP.

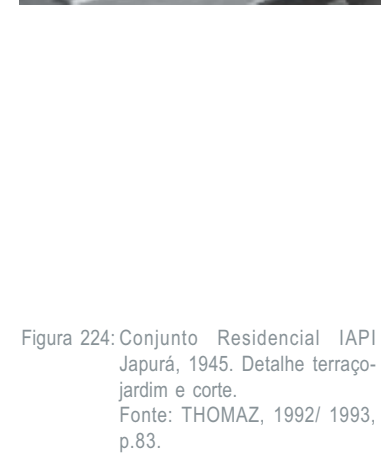


Figura 224: Conjunto Residencial IAPI Japurá, 1945. Detalhe terraço-jardim e corte. Fonte: THOMAZ, 1992/ 1993, p.83.

*E o conjunto tinha lojas que eu pretendia que fossem lojas de abastecimento para os moradores, como um mercado, uma casa de frutas, um..., enfim, lojas que atendessem aos moradores.*

*E tinha umas salinhas de trabalho, como para uma costureira, uma cabeleireira, um barbeiro, (...), e então esse conjunto, me parece que era o que nós chamamos hoje de uma unidade de vizinhança, porque os moradores tinham que sair para trabalhar. O resto, eles tinham tudo no próprio conjunto do..., desse projeto do IAPI. Esse projeto está construído e me parece que não está feito como eu queria, porque eu sei que aquilo não está mais destinado aos industriários, mas a pessoas de posse. Então, a aplicação está desvirtuada. Mas foi um projeto que eu fiz com muito amor. (depoimento de Eduardo Kneese de Mello. In: SANTOS, 1985, s/p).*

Outra experiência onde Kneese de Mello buscou aliar qualidade à economia foi no projeto para o **Conjunto Residencial Jardim Ana Rosa**. Esse empreendimento do Banco Hipotecário Lar Brasileiro reuniu um grupo de renomados arquitetos, dentre eles Abelardo de Souza, Salvador Candia, Plínio Croce, Roberto Aflalo e Walter Saraiva Kneese, com a finalidade de projetar habitações, individuais e coletivas, para o que era chamada, na época, a *pequena burguesia urbana*.

*O projeto para o conjunto Ana Rosa, passou por duas alterações bastante relevantes. A primeira versão, de 1950, teve como arquiteto principal Abelardo de Souza, responsável por um conjunto de edifícios de uso misto próximo ao Largo Ana Rosa. Uma série de arquitetos projetaram algumas residências unifamiliares e os arquitetos Plínio Croce e Roberto Aflalo, um pequeno edifício de quatro pavimentos. A segunda versão do projeto é de 1951 e contempla a introdução do projeto do arquiteto Eduardo Kneese de Mello na quadra de maior extensão, com a proposta de cinco lâminas paralelas (definindo a*

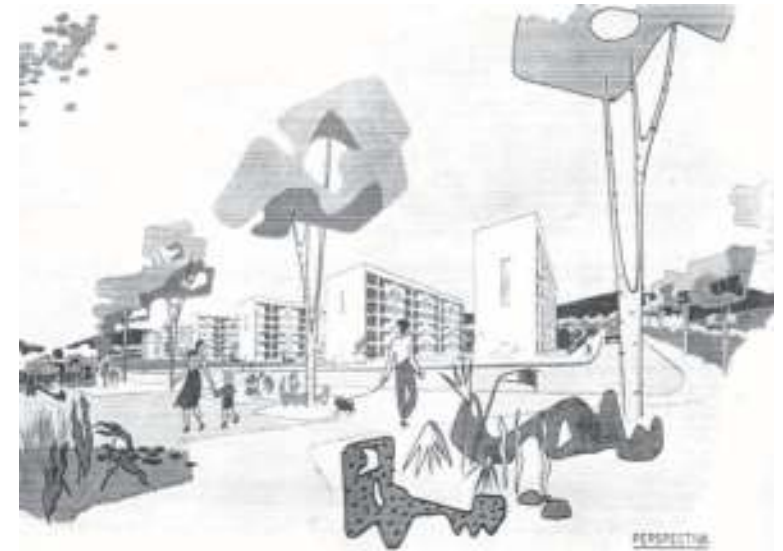


Figura 225: Conjunto Residencial Jardim Ana Rosa. Rua José de Queiroz Aranha, São Paulo, 1952. Arquiteto: Eduardo Kneese de Mello. Fonte: Acrópole, 1953, n.º. 182, p. 75.



Figura 226: Edifício Hicatu – Conjunto Residencial Jardim Ana Rosa. Rua José de Queiroz Aranha, 185, São Paulo, 1952. Fonte: acervo FAU USP.

orientação leste/oeste aos apartamentos), além de um pequeno edifício de exceção na ponta do terreno. A terceira e definitiva versão é de 1954; ela é definida pela substituição de quatro edifícios projetados por Kneese de Mello por duas novas lâminas, agora seguindo o alinhamento das ruas, projetadas pelo arquiteto Salvador Candia. (BARBARA, 2004, p. 81).

Dos seis edifícios desenvolvidos por Kneese para o Conjunto Residencial Jardim Ana Rosa apenas dois foram construídos, Guapira e Hicatu, com seis pavimentos cada, contendo apartamentos duplex. O terreno em que estão implantados tem forte inclinação. Aproveitando-se da declividade, o arquiteto criou acessos no térreo e no terceiro pavimento dos blocos, suprimindo o uso de elevadores. Implantou os blocos paralelos à linha norte/sul, procurando a melhor e mais intensa insolação dos cômodos.

Após essa experiência, em 1956, Kneese volta a trabalhar com o conceito de *habitação mínima* no projeto para o edifício **Juruá**. Localizado na esquina das ruas Bento Freitas e General Jardim, em um terreno que mede apenas 5 m x 20 m. Essas medidas não permitiram a abertura de poços de iluminação ou áreas internas, fazendo com que todas as aberturas fossem feitas nas fachadas voltadas para as ruas. Para solucionar essa inconveniência, o arquiteto adotou uma faixa de elementos vazados cerâmicos, preservando a privacidade do morador. No pavimento térreo, foram localizadas duas pequenas lojas.

No mesmo ano, Kneese projetou outro edifício, ainda explorando o conceito da *habitação mínima*. Com áreas reduzidas, que variam entre 24 m<sup>2</sup> e 72 m<sup>2</sup>, o **Demoiselle** (atual Orly) localiza-se na Rua Rocha, próximo à Praça 14 Bis, na Bela Vista. Neste edifício, além de arquiteto, Kneese de Mello era proprietário do empreendimento. No projeto, existiam dez variações de apartamentos, todos de um dormitório.



Figura 227: Edifício Juruá. Rua Bento Freitas, 341, São Paulo, 1955. Fonte: AD, 1956, n.º. 17, s/p.

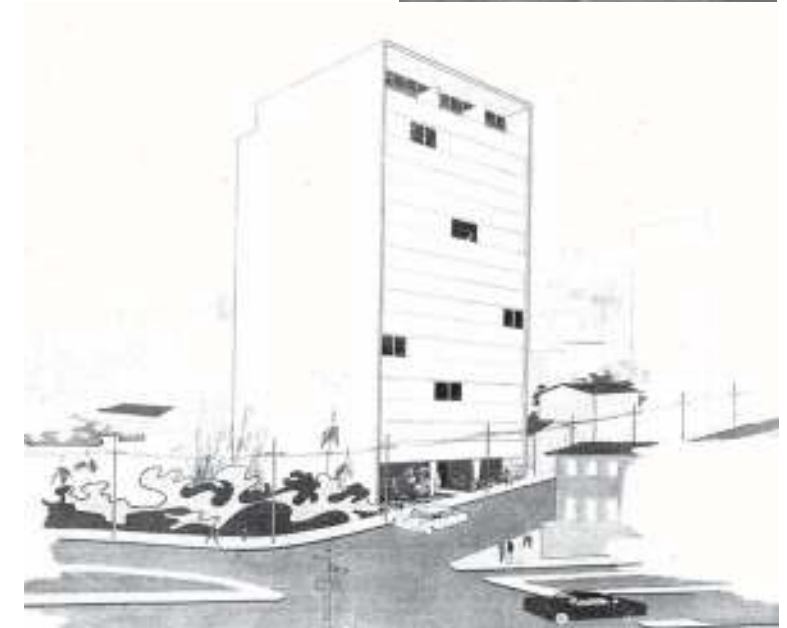


Figura 228: Edifício Demoiselle. Rua Rocha, 23, São Paulo, 1956. Fonte: AD, 1956, n.º. 18, s/p.



No ano de 1960, Kneese realizou o projeto de um **edifício de apartamentos** que seria construído na Rua Iguatemi, **Itaim**, em São Paulo. Este projeto diferencia-se dos demais por ser constituído de dois pequenos blocos paralelos, com apenas três pavimentos, formando um vazio entre eles onde se localiza a circulação, um hall de escadas que dá acesso às quatro unidades. Tirando partido da pequena declividade existente no terreno, o arquiteto semi-enterra o térreo de um dos blocos e o transforma em garagem do conjunto.

Na produção de projetos habitacionais feitos por Kneese de Mello o único projeto que se difere da habitação coletiva *econômica* é o edifício **Renato da Fonseca** (atual Abaúna) localizado na Rua Antonio Carlos, de 1961. Projetado em parceria com o arquiteto Joel Ramalho Jr., o edifício é composto por uma única unidade habitacional em cada pavimento, com área de, aproximadamente, 150 m<sup>2</sup>. Apresenta, ainda, no projeto original, a fachada principal totalmente revestida por peças horizontais de madeira que formavam um fechamento tipo veneziana para todos os peitoris das janelas e funcionavam como elementos vazados na área de serviço.

A obra de habitação coletiva mais expressiva, talvez a mais conhecida, de Kneese de Mello foi desenvolvida com seus sócios, os arquitetos recém formados Joel Ramalho Jr. e Sidney de Oliveira, em 1961 para o Conjunto Residencial para os estudantes da Universidade de São Paulo, o **CRUSP**.

*Então nós fizemos um estudo bastante cuidadoso, sempre em conjunto com todo o grupo que estava planejando.*

*Depois de estudar vários tipos de alojamento, nos chegamos à conclusão que deveríamos fazer apartamentos para três estudantes, com sanitário e uma saleta de estudos. Esses alojamentos, esses apartamentos, eram feitos em blocos de 6 andares sobre pilotis. Os*

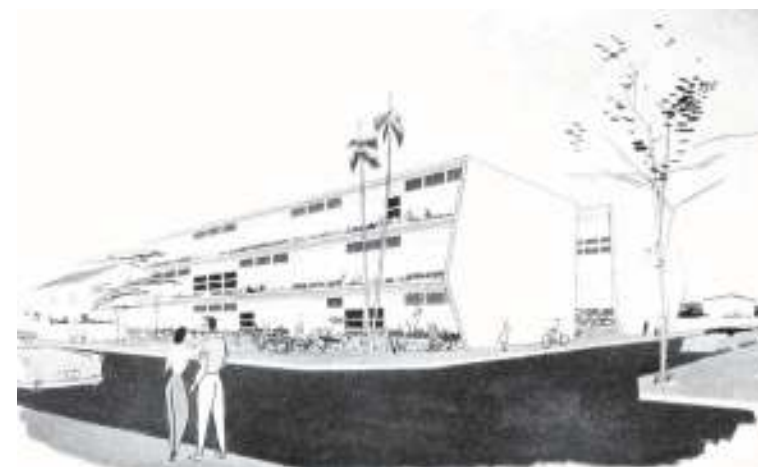


Figura 229: Edifícios de Apartamentos. Rua Iguatemi, São Paulo, 1960. Fonte: Acrópole, 1960, nº. 266, p. 62.



Figura 230: Edifícios de Apartamentos, 1960. Fachada lateral. Fonte: Acrópole, 1960, nº. 266, p.62.



Figura 231: Edifício de Apartamentos Renato da Fonseca. Rua Antônio Carlos, 180, São Paulo, 1960. Arquitetos Eduardo Kneese de Mello e Joel Ramalho Jr. Fonte: Módulo, 1961, nº. 24, p. 34.

*blocos têm 60 m de comprimento e todos eles intercomunicados por um caminho coberto.*

*A idéia de que um estudante pudesse ir de seu apartamento a qualquer outro apartamento do conjunto ou ao restaurante do conjunto, ou a um prediozinho que nós tínhamos ali junto à Raia Olímpica, naquela avenida, que seria uma espécie de ponto de espera de ônibus, de condução. Haveria um barzinho, um vendedor de cigarros, de jornais para o estudante esperar a condução ali. Mais na outra extremidade, uma casa de chá, uma casa de lanches, que seria o ponto de encontro dos estudantes de toda a Universidade. E tudo isso ligado por caminhos cobertos. Era esta a intercomunicação a nossa grande preocupação.*

*Esse prédio tinha muitos elementos repetidos e nós resolvemos fazer uma experiência de pré-fabricação. Foi muito difícil porque pré-fabricação ainda não existia aqui, especialmente nesta escala, e nós encontramos muita resistência. Mas conseguimos que o FUNDUSP nos autorizasse, ou autorizasse os concorrentes a apresentar uma variedade em pré-fabricação, na hora de apresentar os preços da construção. E uma dessas variantes foi que venceu, pelo preço.*

*Mas, uma experiência que valeu muito nessa ocasião, foi que a nossa obra tinha sido iniciada, só as estacas tinham sido batidas, mas não havia nada sobre o chão, e um representante dos Jogos Panamericano, creio que foi (em) 62, veio ao Brasil para examinar os alojamentos que iam ser dados aos estudantes, aos atletas para os Jogos Panamericanos. E nós fomos chamados lá ao Campus, com aquele chão vazio, as plantas na mão, e mostramos ao pessoal. Era um americano, um mexicano, um argentino. “Vamos fazer isto neste lugar”, e faltavam quatro meses para os Jogos. Então eles se reuniram, de cabeça junto assim, davam risada e tal, e um deles saiu e nos disse, nos*



Figura 232: Conjunto Residencial para estudantes da Universidade de São Paulo (CRUSP). Butantã, São Paulo, 1961. Arquitetos Eduardo Kneese de Mello, Joel Ramalho Jr. e Sidney de Oliveira. Fonte: Acrópole, 1964, nº. 303, p. 94.



Figura 233: Vista posterior do CRUSP, 1961. Fonte: acervo FAU USP.



Figura 234: Conjunto Residencial para estudantes da Universidade de São Paulo, CRUSP, 1961-1963. Fonte: Acrópole, 1964, nº. 303, p.95.

*comunicou o resultado da conferência íntima deles: “nós não acreditamos, mas aceitamos a palavra do Brasil e vamos satisfeitos, convencidos de que o Brasil vai dar alojamento para os atletas”. E quatro meses depois, os atletas chegaram, as camas estavam prontas, com travesseiros, com lençol, com cobertor, com tudo. Em quatro meses fizemos seis blocos daqueles. (depoimento de Eduardo Kneese de Mello. In: SANTOS, 1985, s/p).*

Através desses exemplos supracitados, nota-se que a experiência de Kneese de Mello relacionada à questão da habitação coletiva tornou-se intensa em sua fase moderna e sofreu mudanças conceituais e formais ao longo do tempo. O arquiteto passou a explorar e divulgar, na teoria e na prática, o seu conceito de habitação, onde afirmava que:

***Habitação não pode mais ser considerada, hoje, como, simplesmente, a casa de morar. Habitação é um conjunto de que a moradia é o centro, mas de que fazem parte também a escola, o “playground”, os serviços de abastecimento, os serviços públicos gerais, a creche, a maternidade, a assistência hospitalar, os centros de cultura, os campos de esporte, as áreas verdes e jardins e cuja ligação com o local de trabalho precisa ser estudada com grande carinho. (KNEESE DE MELLO, 1948, p. 94).***

Dentro da nova postura profissional assumida por Kneese após sua conversão ao ideário do Movimento Moderno, ele passou a defender a arquitetura pautada em dois pontos básicos: a democratização e a industrialização. O arquiteto começou a explorar as diversas possibilidades da pré-fabricação, acreditando que essa técnica construtiva era a solução para o problema habitacional do Brasil e dos países latino-americanos. Afirmava que:

*Sob o aspecto de técnica de construção, continuamos usando a mesma solução já usada por egípcios e romanos, assentando tijolos (cada dia mais ordinários) um a um,*

*dentro do mais rudimentar sistema de artesanato, com um brutal desperdício de trabalho e de material. Em todo o mundo civilizado, de hoje, novas técnicas tem sido experimentadas, com o objetivo de apressar o tempo de construção, reduzir seu custo, melhorar sua qualidade. A racionalização e a pré-fabricação das construções vêm sendo estudadas e experimentadas, fazendo surgir uma enorme variedade de soluções. (KNEESE DE MELLO, 1975 b, p. 127).*

Eduardo Kneese de Mello acreditava que a arquitetura contemporânea deveria utilizar técnicas contemporâneas, e isso significava tirar partido da industrialização da construção. Somente com a racionalização do projeto e com a pré-fabricação da construção é que a estrutura habitacional humana poderia atingir o grau de desenvolvimento compatível com os avanços tecnológicos de sua civilização. Através dela, a arquitetura poderia se tornar realmente democrática, servindo de abrigo para todos os homens e não somente para alguns.



## Capítulo 4 ■ Habitação Coletiva: estudo de casos



Hoje estou convencido, absolutamente, que a arquitetura é profundamente social. Então, nós temos um país que tem problemas de habitação, de escolas, de hospitais, em que há um grande número de brasileiros que ainda não estão em condições de enfrentar a vida escolar, de se alimentar bem. Evidentemente, a Arquitetura tem que olhar para isso. Nós temos que esquecer a idéia de fazer grandes palácios e partir para soluções mais simples, mais humanas e sociais. (depoimento de Eduardo Kneese de Mello. In: SANTOS, 1985, p. 101).

O que importa são as razões. E as razões não mudam. As razões porque fazemos arquitetura continuam sendo as mesmas. (depoimento de Eduardo Kneese de Mello. In: THOMAZ, 1992 / 1993, p. 88).



Dentre os projetos e obras realizados pelo arquiteto Eduardo Kneese de Mello, relacionados à habitação coletiva, foram selecionados oito exemplares para comporem o estudo de casos desta dissertação. Para a seleção destes casos, foram estabelecidos alguns critérios que estes projetos ou obras deveriam atender:

- ter características relacionadas aos princípios do Movimento Moderno;
- ter sido publicado em livros ou revistas especializadas;
- apresentar inovações técnicas; programáticas ou formais.

Os projetos serão apresentados em ordem cronológica, procurando verificar, deste modo, as transformações possíveis do conceito de habitação na obra do arquiteto. Antes das análises, os projetos são apresentados através de fichas técnicas, com as informações obtidas durante a pesquisa. Toda a documentação gráfica encontrada, compreendendo os projetos originais redesenhados, croquis e fotografias, será apresentada.

O objetivo destas análises é estabelecer uma relação entre a produção teórica e a projetual do arquiteto em relação ao tema da habitação. Os projetos foram realizados para diferentes demandas sociais. Em alguns deles, com finalidades sociais mais amplas, são facilmente notadas as proposições mais coletivas da Arquitetura Moderna, como no caso dos projetos para os Institutos de Aposentadorias e Pensões (IAPC Cidade Jardim e IAPI Japurá) e CRUSP. Essas proposições podem ser observadas pela utilização de espaços coletivos como o terraço jardim, os pilotis, serviços acoplados à moradia, etc. Em outros, vinculados às demandas imobiliárias, essas proposições coletivas não foram utilizadas com tanta frequência.

Para a realização dessas análises foi elaborado um roteiro baseado nas fichas de identificação utilizadas por órgãos públicos, como o Conselho de Defesa do Patrimônio

Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico do Estado de São Paulo (Condephaat) e o Departamento do Patrimônio Histórico da Prefeitura Municipal de São Paulo (DPH). Esse roteiro baseia-se, também, nas fichas realizadas para os inventários feitos pelo Grupo de Trabalho Docomomo – São Paulo<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Os inventários realizados pelo Grupo de Trabalho Docomomo – São Paulo foram apresentados durante a realização do I Seminário Docomomo São Paulo (Belas Artes, 2004) e III Seminário Docomomo Estado de São Paulo (Mackenzie, 2005). No primeiro seminário foram estudados os exemplares de arquitetura moderna no bairro da Vila Mariana. No segundo, os bairros do Pacaembu e Higienópolis.